

para fora o que tinham de pior. Quando descobriram que a brasileira havia conhecido o namorado dela por meio de uma rede social, o Tinder, simplesmente decidiram expulsá-la da residência. Diante da forma violenta com que foi tratada, ela foi obrigada a chamar a polícia. “Foi terrível”, afirma. Apesar do desapontamento e da raiva, a jovem, em nenhum momento, pensou em abrir mão de seus objetivos e retornar para o Brasil. “Isso não passou pela minha cabeça. Tinha uma meta e os portugueses que me trataram muito mal teriam de me engolir.”

Luíza reconhece que o primeiro ano em Portugal foi terrível, pois enfrentou todo tipo de xenofobia. Agora, dois anos e meio depois de pisar em território luso, tem a certeza de que fez a coisa certa. Não só está muito bem empregada como pesquisadora e gestora de eventos em duas associações, como reabriu o coração para as experiências que a vida lhe tem proporcionado. “Depois de tudo o que passei, me fechei completamente. Agora, estabilizada, me abri para a vida e para as relações e tenho descoberto uma nova geração de portugueses que é muito acolhedora e defensora da diversidade”, ressalta. “Vivi as dores e, agora, saboreio as delícias de ser brasileira em Portugal.”

Saúde pesou muito

A baiana Adélia Pauferro, 47, desembarcou em Lisboa há 20 anos certa de que ficaria um tempo curto na cidade, exatamente o tempo de duração do projeto decorrente de uma parceria entre os ministérios da Educação do Brasil e de Portugal. Pedagoga, tinha se proposto a estudar o impacto da cultura popular portuguesa nos países colonizados. A pesquisa, no entanto, foi interrompida antes do tempo previsto. Mas, em vez de retornar imediatamente para Salvador, prevaleceu a vontade de ficar na cidade que a acolheu tão bem. Foi um caso de amor carregado de desafios que ela se impôs. Tinha de dar certo a decisão que havia tomado.

Nos oito primeiros anos, Adélia fez de tudo um pouco. Começou trabalhando em uma loja de acessórios indianos até se tornar representante, em Portugal, de uma empresa alemã de produtos ortopédicos. Ela se deu tão bem nesse ramo que optou por abrir a própria loja para vender essas mercadorias. A partir daí, depois de tantas conquistas, a baiana sentiu o peso de ser imigrante. Em um exame de rotina, descobriu dois tumores, um na sequência do outro. “Logo me veio o questionamento: o que vou fazer em Portugal, longe da minha família, sem recursos financeiros suficientes para um trata-



Adélia Pauferro e a filha, Vitória, que vivem em Portugal

mento que poderia ser muito caro?” A resposta dada pelo coração dela foi clara: fique e procure ajuda. E assim se deu.

Adélia recorreu à rede pública de saúde. E, para surpresa dela, fez todo o tratamento de graça, até que os médicos lhe dissessem que ela estava curada. “Me senti aliviada e feliz por, mesmo sendo estrangeira, ter recebido toda a atenção que precisava”, assinala. Saúde estabilizada, a baiana voltou à vida normal. E veio o grande baque. O brasileiro que tinha se tornado sócio dela na loja de produtos ortopédicos deu um golpe, saqueou o negócio e ainda deixou uma penca de dívidas. “Fiquei tão estressada, que desenvolvi uma doença autoimune. Foi tão sério que precisei ser internada por quatro meses e meio. Segurei as pontas e não comuniquei nada a minha família”, relata, sem esconder a emoção.

Os meses de internação foram um enorme pesadelo para Adélia. A despeito do esforço da equipe de nove médicos que a atendiam para descobrir a origem da doença, não se chegava a nenhuma conclusão. No meio do caminho, a baiana, que estava pesando 35 quilos e já não tinha forças para andar, pegou uma infecção hospitalar. A situação era tão grave que um dos médicos implorou para que ela avisasse

a família no Brasil e que retornasse para perto dos pais. Ele garantiu que ela faria a viagem em segurança. “Pensei: vou morrer. Mas dormi e, no outro dia, pedi para chamar o doutor Pedro, um dos nove médicos que me acompanhavam, e disse a ele que havia tido um sonho e que ele fizesse um teste nos meus pulmões”, lembra.

Sem muita alternativa, o exame foi feito e o resultado ficou claro. “Descobriram a minha doença autoimune e, assim, pude me tratar”, conta. Com a loja quebrada, endividada, sem um tostão no bolso e ainda debilitada fisicamente, Adélia teve mais uma

prova de que havia tomado a decisão certa de ficar em Portugal. Quando voltou para casa, os vizinhos, todos portugueses, haviam pagado o aluguel dela em dia e feito as compras para que ela se alimentasse corretamente. “Em nenhum momento, eles me abandonaram. Todos os dias, eles se revezavam para cuidar de mim, fazer minha comida. Foi assim até que eu me restabelecesse”, celebra.

O desfalque que havia levado do sócio brasileiro, porém, não saía da cabeça dela. Estressada, acabou internada novamente. E, desta vez, foi informada de que, por tudo o que havia passado, não poderia mais ter filhos. Pois a vida lhe pregou mais uma surpresa. Ela, que estava num relacionamento recente, descobriu-se grávida. Quando contou isso à médica que a acompanhava na rede pública, veio a pergunta perturbadora: “Você quer ter esse filho?”. Ela respondeu imediatamente que sim. No parto, a mesma médica lhe segurou as mãos e disse: “Calma, em 35 anos, nunca perdi ninguém num parto”. Vitória, a filha de Adélia, está com oito anos, usufrui de todas as benesses do sistema público de educação de Portugal, fala inglês muito bem, está aprendendo alemão e diz para a mãe que seu lugar é o país onde nasceu. Hoje, Adélia é produtora de eventos.